

CGEE: sempre um parceiro de todas as iniciativas de inovação

Ronald Martin Dauscha¹

Resumo

Ao longo de sua vasta trajetória profissional em empresas e entidades que coordenou no setor privado, onde se envolveu com diversas atividades ligadas aos temas de inovação, Ronald Dauscha também pode acompanhar ou participar de várias iniciativas conduzidas pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), inclusive na condição de membro do Conselho de Administração do Centro. O presente artigo reúne algumas de suas percepções a respeito dessas experiências e parcerias, bem como das contribuições que ofereceram à área de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I). A organização da Bienal Brasileira de Design; a realização de estudos pertinentes à área de energia elétrica e ao Futuro do Rio de Janeiro; as discussões e avaliações sobre a primeira versão do Portal Inovação; a respeito da metodologia

Abstract

Along his vast professional career in businesses and companies the he coordinated in the private sector, where he dealt with a plethora of activities dealing with innovation, Ronald Dauscha could follow or participate in many initiatives conducted by the Center for Strategic Studies and Management (acronym in Portuguese CGEE), both as an observer and as a member of its Administrative Council. This article is a recollection of these experiences and partnerships, as well as the contributions the aforementioned experiences had in Science, Technology and Innovation (ST&I). Some topics of the article are: organizing the Brazilian Design Biennial; studies referring to the electric energy area and the Future of Rio de Janeiro; discussions and evaluations about the first version of the Innovation Portal;

¹ É CEO do Centro de Linhas Avançadas em Inovação, Excelência e Qualidade; coordenador dos programas de apoio à Pesquisa em Parceria para Inovação Tecnológica (Pite) e Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (Pipe) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp); professor de pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e membro do Conselho de Administração do CGEE, como representante Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras (Anpei).

mundial *Pictures of the Future*; e sobre os conceitos e as tendências mundiais aplicados ao Brasil, como a *Internet das Coisas* (IoT) e a Indústria 4.0, são destaque do relato.

Palavras-chave: Parcerias estratégicas sobre inovação. Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) adaptados ao Brasil. Interação Anpei/CGEE.

about world methodology in Pictures of the Future; and world concepts and tendencies applied to Brazil, such as Internet of Things (IoT) and Industry 4.0.

Keywords: *Strategic partnerships on innovation. Research and Development (R&D) adapted to Brazil. Interaction between Anpei/CGEE.*

Senti-me muito honrado em ter recebido um convite do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) para contribuir com um depoimento sobre minhas parcerias e experiências realizadas com esta instituição, ao longo dos seus 15 anos. Gostaria de transformar este relato, a partir das diversas atividades e dos cargos que exerci durante esses vários anos em que me envolvi com os temas de inovação, ligados às empresas e entidades que coordenei, em um claro testemunho das minhas ótimas e profícuas interações com o CGEE.

Em 2 janeiro de 1984, iniciei com muito ânimo, em Curitiba, minha carreira como engenheiro eletrônico, recém-formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em uma empresa chamada Equitel Telecomunicações, ligada à Siemens no Brasil. Essa organização era responsável por todo o portfólio de produtos para o segmento de telecomunicações, englobando sistemas particulares e públicos, telefones, PABX, grandes centrais, rádios de comunicação de longa distância e concentradores de vários tipos. Havia sido convidado por um dos maiores estrategistas comerciais que já conheci: Gerhard Sengberg, diretor da Siemens e um dos meus professores no último ano de graduação. A minha opção por essa empresa deu-se, principalmente, devido à rara oportunidade de exercer reais atividades de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) no País. Esse era o maior sonho de qualquer engenheiro da época: poder gerar os próprios produtos localmente, totalmente a partir do zero, proporcionando especificidades e configurações adaptadas às nossas necessidades.

Neste período inicial, o meu gerente era uma das pessoas que mais me influenciaram na constante procura por inovação. Seu nome era Roberto Fischer e sempre procurou detectar novas necessidades e convencer os tomadores de decisão internos a aprovar novos produtos e soluções. Desenvolvemos, “do zero”, concentradores FDM de 6 e 12 canais para áreas rurais (o V6R e V12R), bem como propusemos um produto chamado de Cancelador de Eco (que substituiria o conceito de supressão de eco), para fins de comunicações internacionais, a ser totalmente desenvolvido e fabricado no Brasil. Também seguindo essa estratégia, conseguimos aprovar o desenvolvimento, na Alemanha, de uma adequação total da parte digital e analógica

(RF) de uma solução customizada brasileira, para uma frequência que, na Europa, era proibida pela Otan. Com uma equipe de seis pessoas, passamos quatro anos na matriz alemã, adquirindo um conhecimento impagável sobre como inovar e desenvolver soluções, bem como aprendendo sobre tecnologias digitais e soluções de radiofrequência.

Após retornar da Alemanha, fui convidado a ser gerente do Setor de Serviços de Campo da Equitel, onde, coordenando mais de 250 pessoas, entre colaboradores internos e externos, nas atividades de montagem, teste e aceitação, aprendi que a inovação vai além de tecnologias, produtos e soluções e pode ser aplicada perfeitamente a todos os processos de uma empresa, trazendo ganhos de produtividade e eficácia consideráveis. Posteriormente, gerei uma nova área de produtos, chamada de Soluções de Acesso, onde a Siemens tentava antecipar novas soluções, como TV a cabo bidirecional, grandes concentradores de dados, *modems* de alta velocidade, bem como, multiplexadores de última geração.

Em 2002, um ano depois de o CGEE ser criado, fui convidado a assumir o Departamento Corporativo de Tecnologia da Siemens, idealizado e criado por Hermann Wever, presidente da empresa e um profissional muito ciente da importância da inovação. É importante lembrar a contribuição de Gerhard Schorer, diretor da Siemens e da Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia de Empresas Inovadoras (Anpei), que me antecedeu e estruturou uma equipe competente de gestão corporativa. A minha tarefa desafiadora era a de transferir para São Paulo esta área locada em Curitiba, onde só se promovia Pesquisa e Desenvolvimento nas áreas de telecomunicações, para toda a empresa. Nesta nova fase, éramos responsáveis por alinhar e incentivar os esforços inovadores também nas unidades de medicina, indústria e energia. Aqui iniciamos ideias e iniciativas que convergiam perfeitamente com as linhas de estudos e projetos iniciados pelo próprio CGEE.

Inicialmente, quando atuava com engenheiro de desenvolvimento, ainda calcado nos conceitos de inovação fechada (idealizada e realizada dentro da empresa), navegávamos fortemente para um novo modelo de inovação, que incorporava, além de equipes internas, outras empresas, parceiros e instituições de ciência e tecnologia (universidades e centros de P&D). À época desse movimento, havíamos desenvolvido um novo equipamento de Raio X local, com parceiros externos, que inclusive participaram da produção final. Ficava clara para nós, a partir dessa experiência, a necessidade de termos uma solução tecnológica que nos permitisse conectar nossas demandas com oportunidades e ofertas externas, sem a necessidade de termos que ir sempre a campo.

Coincidentemente, em uma fase em que eu já frequentava a Anpei, o CGEE convidou a mim e alguns outros profissionais envolvidos com o tema de inovação a avaliar a primeira versão

de uma plataforma em desenvolvimento, chamada de Portal de Inovação. Esta ferramenta, realizada em parceria com a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), permanece disponível até hoje e recebeu, ao longo dos anos, inúmeras melhorias e incorporações de novas funcionalidades. Em linhas gerais, permite, de um lado, que todos os assim ditos fornecedores de tecnologias, serviços de desenvolvimento e inovação se cadastrassem na ferramenta, segundo uma estrutura e sequência bem padronizadas, e possam explicitar suas expertises e diferenciais. Podem ser desde representantes de uma instituição de ciência e tecnologia (ICT) pública ou privada, até um especialista com uma solução inovadora, sendo resguardados todos os cuidados com a propriedade intelectual. Na outra direção, é possível às empresas publicarem suas necessidades imediatas em tecnologias, na solução de problemas que exigem inovações ou na procura de parceiros que possam atuar de forma conjunta em projetos específicos. A Siemens, que contribuiu com sugestões, sempre parabenizou essa importantíssima ferramenta. Uma vez colocada em funcionamento, a utilizamos por um bom tempo, ampliando, com isto, nossas possibilidades de incorporar novos parceiros nesse conceito de inovação aberta.

Outra interação muito forte com o CGEE, que novamente mostrou visão de futuro e reconhecimento em competências importantes no desenvolvimento de negócios inovadores e diferenciais, foi no período em que exerci a função de CEO do Centro Internacional de Inovação (C2i). Esta unidade, criada dentro da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), sob o comando, à época, do estrategista, visionário e inovador, Rodrigo da Rocha Loures, visava a agregar e desenvolver uma série de iniciativas importantes para as empresas do estado, tais como: Fomentos; Consultoria em Gestão da Inovação; Matemática Industrial; Observatórios da Indústria; uma Aceleradora; a Endeavor - que se interessou em instalar seu terceiro escritório no País -; além de fechar muitas parcerias com instituições internacionais, como a Universidade da Califórnia em Los Angeles (Ucla) e o Instituto Fraunhofer. Junto com o Centro Brasil Design, que também se integrou fisicamente ao C2i, e sob orientação do CGEE, organizamos, em 2010, em Curitiba, a Bial Brasileira de Design, que teve como tema *Design, Inovação e Sustentabilidade*. Deve-se aqui fazer o devido reconhecimento à Liliane Rank, do CGEE, que coordenou todo o processo. Ainda nessa época, sob a coordenação brilhante de Marília de Souza, do Observatório da Indústria do Paraná, o CGEE já acompanhava e contribuía com o desenvolvimento das Rotas Estratégicas do Estado.

No final de 2010, assumi a Diretoria Geral de Estratégia e Inovação da Siemens, a convite do então presidente da empresa, Adilson Primo, que, além de atuar nacionalmente como forte figura no ecossistema de inovação, por meio da Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI), era um grande defensor da atração e criação de Centros de P&D locais. Para citar um exemplo, nessa gestão, foi concebido e construído, no Parque Tecnológico da Universidade Federal do Rio

de Janeiro (UFRJ), o 5º centro de P&D da Siemens no Brasil, no segmento de óleo e gás. Uma vez pronto e em operação, o centro acomodou 400 colaboradores.

Também nesse período, desenvolvemos projetos inovadores, como as novas tecnologias usadas para permitir menor distância entre as composições da Linha 4 do metrô de São Paulo, bem como a concepção e fabricação, em conjunto com grandes empresas parceiras, de um transformador subterrâneo totalmente à prova de enchentes. Em todas as oportunidades, sempre pudemos contar com o CGEE para interagir, pedir apoio e avaliar nossa metodologia mundial, chamada *Pictures of the Future*. Novamente, em 2012, as contribuições do renomado CGEE foram de enorme importância e utilidade para gerar um estudo sobre o *Futuro do Rio de Janeiro*. Posteriormente, na qualidade de diretor da Anpei, fui um dos membros do Conselho de Administração do CGEE, podendo verificar com mais profundidade as inúmeras iniciativas do centro, tanto na geração de estudos e conteúdos imprescindíveis para vários setores e tecnologias, como em projetos inovadores.

Em 2015, como CEO do Centro de Linhas Avançadas em Inovação, Excelência e Qualidade (Claeq), fui novamente conselheiro do CGEE. Comprovei o incansável espírito colaborativo e de parceria de toda a equipe desta organização social, por meio da força de ricos e profícuos debates sobre estratégia de inovação; incentivos fiscais; efetividade dos resultados da inovação e da adequação das políticas públicas e da gestão governamental às necessidades do nosso Brasil. Recordo-me, com muito orgulho, que fui convidado a colaborar com um amplo estudo que o CGEE preparava, naquela época, na área de energia elétrica, conduzido competentemente pela pesquisadora Ceres Cavalcanti. Mais recentemente, abordamos e analisamos, em conjunto - Claeq e CGEE -, vários conceitos e tendências mundiais aplicados ao Brasil, como a *Internet das Coisas* (IoT) e a Indústria 4.0.

Ao longo dessa trajetória, que também perpassa os 15 anos do CGEE, tive a grata oportunidade de conhecer todos os presidentes do Centro - Evando Mirra, Lúcia Mello e Mariano Laplane -, profissionais de altíssimo espírito visionário e colaborativo, sempre atentos a todos os movimentos do ecossistema inovador do País e conectados aos ministérios, a agências e aos institutos do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SNCTI), bem como às principais empresas atuantes nesse universo. Gostaria, também, de agradecer ao Marcio Miranda, diretor do CGEE desde a sua fundação, por ser um excelente interlocutor e pelo companheirismo em todos os temas nos quais fomos parceiros. No cumprimento da missão do Centro, são pessoas como essas, assim como as tantas que citei anteriormente neste depoimento, que fizeram e fazem uma grande diferença nos temas de inovação deste País. Parabéns, CGEE!